



www.serradopilar.com | 26 Tempo Comum, 25.09.2022 | ano 48º | nº 2280

3/3

***Eu estou no meio de vós
como aquele que serve à mesa! (Lc 22,27)***



**as comidas de Jesus
no evangelho de Lucas**

Só que ele inverte o raciocínio. A única coisa boa que podemos fazer com o dinheiro é ganhar amigos entre os pobres e eles nos ajudarão a conquistar o Reino de Deus.

Outra parábola linda é aquela do juiz perverso e malvado que não ligava nem a Deus nem aos homens, mas que, chateado pela insistência de uma viúva, resolve fazer-lhe justiça, nem que seja para evitar o aborrecimento.

E o raciocínio de Jesus: “Será que Deus não fará justiça aos seus amigos que gritam por ele?”

Mais uma parábola nos surpreende: O fariseu justo e cumpridor da lei que, no templo, se gaba diante de Deus por tudo de bom que ele faz: “Eu não sou como os demais...” e do outro lado o publicano, pecador, arrependido que, lá no fundo, suplica: “Tem piedade de mim que sou pecador!”

Parece que, mais uma vez Jesus está do lado errado:

Eu vos declaro: este último voltou para casa justificado, o outro não (18,14).

E, quase a confirmar o ensinamento radical de Jesus, aparecem dois ricos: um, bem comportado, cumpridor dos mandamentos desde a juventude e que quer saber como alcançar a vida eterna. O outro, Zaqueu, ladrão mesmo, curioso para conhecer este Jesus e que, por ser pequeno, trepa para uma árvore, para observar por cima da multidão.

O primeiro, o bonzinho, não tem coragem de repartir os seus bens e vai embora triste. Zaqueu, o ladrão,

resolve:

“A metade dos meus bens dou-a aos pobres e a quem roubei vou devolver quatro vezes mais” (19,8).

O rico só tem lugar se reconhecer o seu pecado. Enquanto achar que é bom e santo, nada feito! Até um camelo passa mais facilmente pelo buraco de uma agulha.

Neste contexto, não podia faltar uma mesa. E a mesa, desta vez, é a mesa de um rico que se banqueteia no luxo, todos os dias (16,19-31). É a esta mesa que o Reino de Deus e o dinheiro se misturam.

Fora, à porta da casa, está um pobre, um mendigo, Lázaro. Nome bonito este: Lázaro = “Deus ajuda”. Ele espera por umas migalhas da mesa do rico. Migalhas que nunca vão chegar. O pobre só encontra a solidariedade dos cachorros que vêm lambe-lamber as suas feridas.

A morte é a reviravolta de tudo: Lázaro está lá, feliz, no colo de Abraão, e o rico a arder e a queimar-se nas chamas do inferno.

Ele quer água, mesmo uma só gota e quer que seja Lázaro a dá-la. Mas agora não pode ser. “Entre nós e vós há um abismo que não pode ser ultrapassado” (16,26). Um abismo do tamanho igual ao que nós construímos aqui na terra.

Agora a retribuição funciona. Não repartiu com os pobres, o Reino de Deus fica-lhe fechado.

Pela primeira vez, um pouco tarde demais, o rico deixa de pensar em si. Assustado com o seu destino, pensa nos irmãos que ainda estão vivos: “Pai, eu te suplico, manda

Lázaro a casa dos meus irmãos, para que eles fiquem prevenidos e não acabem neste lugar de tormento” (16,27-28).

“Não adianta – respondeu Abraão –, eles já têm a Bíblia (Moisés e os profetas). Se não levam a sério a Bíblia, não vão crer nem nos mortos que ressuscitam”.

A Palavra de Deus desde sempre nos vem mostrando que o único caminho para garantir a vida é o caminho da fraternidade, da partilha, da mesa.

Uma vez mais fica claro que o nosso futuro se decide à nossa mesa. Se o pobre tem lugar nela, nós teremos lugar no reino de Deus. O contrário, também, é verdadeiro.

Cuidado para não ler esta parábola de maneira errada, pensando que Jesus queria insinuar que o destino do pobre só tem solução depois da morte e que o reino de Deus só começa no fim da história. Cuidado!

Perguntado sobre quando chegaria o Reino de Deus, Jesus respondeu: “O Reino de Deus está no meio de vós!” (17,21). Colocar-se desde já ao serviço deste Reino de justiça e de fraternidade é o sinal mais importante da nossa fé. Por isso, os que não querem que Jesus seja o nosso único rei, vão perseguir-nos.

No meio destas páginas, está outra palavra de Jesus: “Agora vamos a Jerusalém... Lá vão torturar-me e matar-me. Mas no terceiro dia eu vou ressuscitar” (18,31-33).

Esta é a fé: acreditar que todos têm direito à mesma mesa e dar a vida para que isso aconteça.

Mas Jesus pergunta-nos, provocando-nos mais uma vez: “Mas, quando eu voltar, será que ainda vou encontrar fé na terra?” (18,8).

O longo caminho terminou. Jerusalém já está perto.

No caminho Jesus lembrou-nos tudo o que as nossas comunidades precisam saber. É só pôr a rendê-lo para dar fruto. Não podemos guardar o dinheiro num lenço. O nosso rei vai pedir-nos contas de todas as moedas que deixou para nós administrarmos. Quem dera que todos pudéssemos ouvir: “Muito bem, servo bom e fiel...”

9. A mesa da última páscoa em Jerusalém

Jesus chega a Jerusalém ou, melhor, “desce” a Jerusalém. O longo caminho acabou. É o momento da decisão e do confronto final. De um lado Jesus, sentado num jumentinho, como qualquer viajante; uma multidão de gente a fazer a festa, proclamando a mesma mensagem cantada pelos anjos, quando Jesus nasceu: “Glória no mais alto dos céus e paz” (19,38). Do outro lado, estão os fariseus, símbolo, neste momento, de todo o poder que oprime e que exigem: “Manda que os teus discípulos se calem!” (19,39).

Isso é impossível: “se eles se caírem, as pedras gritarão!” (19,40).

Os fariseus, os sacerdotes, os poderosos querem ignorar a novidade, querem calar a boca do povo. Apesar de tudo o que veio acontecendo, eles continuam cegos e surdos. Não querem receber aquele que vem em

nome do Senhor. É tarde; tarde demais.

É por isso que, no meio de tanta festa, Jesus chora. Jerusalém, que em hebraico quer dizer “cidade da paz”, não foi capaz de compreender o verdadeiro caminho da paz: “Isso está escondido aos seus olhos!” Então não precisamos mais de Jerusalém; nem mesmo o choro de Jesus vai salvar Jerusalém da destruição.

Não vai ficar pedra sobre pedra, porque tu não reconheceste o tempo em que Deus veio visitar-te (19,44).

O templo deixou de ser uma casa de oração e transformou-se numa toca de ladrões, que devem ser expulsos.

Os sacerdotes, os doutores da lei e os chefes do povo procuravam a maneira de o matar (19,47).

Os que deviam cuidar da “quinta” de Deus aproveitaram para a saquear, nem se importaram com os profetas que Deus enviava para pedir contas. Pelo contrário, resolveram até matar o filho, aquele que Deus enviou. “Então ele mesmo virá, destruirá os agricultores e entregará a vinha a outros” (20,16).

Neste momento, os doutores da lei e os chefes dos sacerdotes procuraram prender Jesus.

No meio das polémicas travadas em Jerusalém, só há uma pessoa que pode ser apontada como exemplo para nós: uma pobre viúva. No meio dos sacerdotes, dos chefes, dos doutores, Jesus tem olhos para esta mulher que, na sua pobreza, é ainda capaz de depositar duas moedinhas.

Ela deu tudo que tinha para viver

(21,1-4).

Este é o único critério que, segundo Lucas, Jesus vai usar para nos avaliar: saber dar tudo o que temos, fazer tudo o que podemos. Como estamos a ver desde o começo, este é o teste da mesa. Este é o único e verdadeiro “caminho da paz”.

Uma paz estranha, muito diferente do sossego, do lazer, da tranquilidade. Uma paz que pode conviver com as perseguições, com o conflito, com a morte:

Vós sereis presos e perseguidos; entregar-vos-ão às sinagogas e sereis lançados na prisão; sereis levados diante de reis e governadores por causa do meu nome. Isso acontecerá para que vós deis testemunho... Permanecendo firmes ganhareis a vida (21,12-19).

Quando estas coisas começarem a acontecer, levantai-vos e erguei a cabeça, porque chegou a vossa libertação (21,28).

E a perseguição acontece. Judas vai oferecer-lhes a maneira como proceder.

No templo vai ser tramada a traição: a sua vida em troca de dinheiro! Então o templo não mais servirá para celebrar a Páscoa. É preciso encontrar outro lugar. Um lugar-comum, um lugar onde todos, inclusive os escravos, possam entrar. **NÃO UM TEMPLO, MAS UMA CASA.**

Se não há templo, tampouco haverá altares sobre os quais imolar animais. A Páscoa de Jesus precisa de outro lugar. **NÃO UM ALTAR, MAS UMA MESA.**

Uma mesa ao redor da qual vão

poder sentar-se não para imolar animais, mas para dividir o pão e o vinho. **NÃO UM SACRIFÍCIO, MAS UM PÃO REPARTIDO.**

Tomai isto e reparti entre vós... Isto é o meu corpo que é dado por vós... Este cálice é a nova aliança do meu sangue, que é derramado por vós (22,19-20).

A mesa, e não o altar, serve de teste para o grupo. Serve, sobretudo, para descobrir o traidor:

A mão do homem que me traição está a servir-se, comigo, nesta mesa (22,21).

Traidor que não é somente Judas, não. Somos todos aqueles que ficamos a discutir quem é o maior, aqueles que esquecemos que não se trata mais de um altar onde há presidentes e chefes, mas de uma mesa onde só há irmãos. Essa traição é tão comum nas nossas Igrejas!

Para Lucas a mesa da última ceia é a mesa de quem serve e não de quem governa.

Aceitar que a mesa seja o centro das nossas vidas e das nossas relações significa abandonar os critérios das “nações”. Para elas o centro é sempre um trono, um altar ou um mercado.

Entre vós não deve ser assim. Pelo contrário: o maior entre vós seja como o mais pequeno; e quem governa, seja como quem serve (22,26).

A mesa volta a servir de teste.

Quem é o maior? Aquele que está sentado à mesa ou aquele que está a servir? Eu estou no meio de vós como aquele que está a servir

(22,27).

Marcos e Mateus tinham colocado estas palavras na boca de Jesus enquanto ele ia a caminho de Jerusalém. Lucas coloca-as aqui, na mesa da última ceia.

Este é o único caminho que garante a Paz na terra e a Glória de Deus nos céus. A mesa na casa do Pai fica no horizonte, na utopia:

Eu confio-vos o Reino. Vós haveis de comer e beber à minha mesa no meu Reino (22,28-30).

10. As mesas da ressurreição

Chegamos ao fim desta caminhada que fizemos guiados pelas memórias de Lucas.

É o dia da Ressurreição: um dia longo que vai desde o amanhecer até à noite funda. Uma pergunta atravessa estas páginas; é a pergunta das comunidades de Lucas, das nossas comunidades: Onde está Jesus? Se ele ressuscitou, onde podemos encontrá-lo?

A “memória” das mulheres e as dúvidas dos demais

Elas são as primeiras. Um grupo de mulheres vai até ao túmulo de Jesus para tratar do corpo do defunto. O sepulcro está vazio: espanto e medo tomam conta delas de tal modo que nem têm coragem para encarar os homens que aparecem diante delas com um recado estranho:

Por que estão a procurar entre os mortos aquele que está vivo? Ele ressuscitou! (24,5).

E, logo depois do anúncio, recordou-lhes: “O Filho do Homem devia morrer e ressuscitar. Ele sempre

disse que assim seria” (24,7).

As mulheres “lembraram-se”. É a fé delas que emerge: as palavras de Jesus tomam sentido. Após a morte vem a vida. A morte nunca poderá ter a última palavra.

Jesus está vivo a testemunhar o poder de Deus que ninguém consegue derrotar.

As mulheres correm a anunciar a novidade. Mas o testemunho das mulheres não é levado a sério: “Tolice”, dizem eles. Pedro corre até o túmulo (24,12) e confirma que o cadáver de Jesus desapareceu, mas isso não basta para confirmar a conclusão das mulheres. O cadáver não está, mas daí a dizer que ressuscitou ainda falta muito.

As mulheres “lembraram-se” das palavras de Jesus, mas os apóstolos não. Não deixaram só de dar crédito ao que as mulheres estavam a anunciar. No fundo eles não deram crédito nem ao que Jesus vinha repetindo durante a caminhada: “Tolice”.

Lucas, aqui, enxerta uma narração interessante. Só ele fala disso. É a memória de uma dupla que morava em Emaús, uma cidade próxima de Jerusalém: onze quilômetros (24,13-35). Os dois, discípulos de Jesus, estão a voltar para casa, tristes por tudo o que tinha acontecido.

Jesus se aproxima e caminha com eles. Eles não o reconhecem: “os olhos deles estavam impedidos”.

Não resta dúvida de que estes dois discípulos representam todas as comunidades de Lucas, as nossas dúvidas. Nós que, como os cristãos de Lucas, nunca vimos a cara de

Jesus, corremos o perigo de o não reconhecer enquanto ele anda conosco. Lembram-se daquela canção?

Entre nós está e não o conhecemos.

Entre nós está e nós o desprezamos.

Lucas quer ajudar-nos a abrir os olhos. Se Jesus está vivo, onde está ele? Como havemos de o encontrar? Como saberemos reconhecê-lo?

A memória do sepulcro vazio não basta! Pode até aumentar a nossa decepção: “Nós esperávamos que ele fosse o libertador de Israel, mas há já três dias que ele morreu! Um mulheres andam a dizer que o corpo dele não está no túmulo. Mas ninguém viu Jesus!”

“Tolos!” Jesus começa por repreender os dois: “o Messias não devia sofrer?”

Não se trata só das palavras das mulheres, nem só das palavras do próprio Jesus. A escritura toda, quando bem entendida, aponta para esta verdade.

Da boca de Jesus sai um maravilhoso “curso bíblico” que ajuda a descobrir tudo o que as Escrituras dizem de Jesus.

O coração dos dois aquece, a memória dos antigos tem o poder de animar a esperança, de devolver a paz. Mas os “olhos” continuam fechados. Eles não veem Jesus.

Nem o túmulo vazio, nem as Escrituras foram suficientes para abrir os olhos.

Precisa duma “mesa”! Lucas sabe disso.

Reconheceram-no ao partir o pão

O caminho termina em Emaús. “Fica entre nós, já é tarde”. Era o que faltava. Jesus sentou-se à mesa com os dois. Tomou o pão e abençoou-o, depois partiu-o e deu-lho. Os olhos dos discípulos abriram-se e reconheceram Jesus.

A mesa, o pão partido e dado são os únicos sinais que têm o poder de abrir os nossos olhos. Jesus só pode ser encontrado ao redor de uma mesa onde o pão está a ser distribuído. É aí que ele continuará a viver pelos séculos fora. Hoje, também!

“Fazei isto em memória de mim”. Sentar-se à mesa, partir o pão, vivendo do modo que ele nos ensinou, em todas as mesas às quais nos sentamos juntamente com ele: assim o Cristo vive e poderá ser reconhecido.

“Jesus desapareceu da frente deles”. Agora que o reconheceram ele desaparece.

Não precisamos mais da sua presença **direta**. Ele está aí vivo aos nossos olhos no pão partido.

A mesa de Jerusalém

Como as mulheres tinham feito de manhã cedo, os dois correm de volta para Jerusalém para anunciar aos apóstolos a novidade. Desta vez eles já sabem tudo:

O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão (24,34).

Então porque será que, quando Jesus aparece de novo no meio deles, desejando a paz, eles ficam espantados e com medo?

Porque estais perturbados e porque o vosso coração está cheio de dúvidas? (24,38).

Não basta proclamar, da boca para fora, a nossa crença no Cristo ressuscitado. Pode ser somente uma “ideia” que não combina com a prática da nossa vida.

A mesa e o pão, mais uma vez, são o sinal mais verdadeiro da nossa fé.

Vós tendes aqui alguma coisa para eu comer? (24,41).

Em Emaús ele deu o pão, agora ele pede-nos “alguma coisa para eu comer”. Quer que nós coloquemos em prática o ensinamento que ele nos deu.

Aí vão ficar claras as palavras de Jesus e as palavras da Escritura. Repartir o pão, mesmo que isso nos conduza à morte, é o caminho da vida que deve ser anunciado a todos com a força do Espírito Santo.

Betânia: a casa dos pobres.

Só falta esclarecer qual o lugar a partir de onde tudo isso deve começar. “Jesus levou-os para Betânia. Aí afastou-se deles e foi levado para o céu” (24,50).

Betânia = Casa dos Pobres

Este é o lugar que liga a terra ao céu. Aí nós devemos estar. Jesus pode subir ao céu, porque os pobres vão ficar aqui conosco. Os pobres, para os quais devemos abrir as nossas casas e servir as nossas mesas, são a verdadeira e definitiva presença de Jesus vivo.

Betânia = casa dos pobres = casa de Jesus = nossa casa. Para sempre!

SANDRO GALLAZZI

memória

10 de Setembro de 1981 -

Guernica chega a Madrid



«No, la pintura no está hecha para decorar las habitaciones. Es un instrumento de guerra ofensivo y defensivo contra el enemigo» (*«Não, a pintura não está feita para decorar apartamentos. Ela é uma arma de ataque e defesa contra o inimigo»*). Assim se referiu PABLO PICASSO a **GUERNICA**, o famoso painel considerado uma das suas obras-primas, que representa a bestialidade da destruição da povoação basca pela Alemanha nazi durante a Guerra Civil de Espanha (1936/39). O bombardeamento, ocorrido a 26 de Abril de 1937, foi levado a cabo pela Legião Cóndor e durou mais de três horas. Não visou nenhum alvo estratégico; foi um puro acto de terror, antecipando o que estava para vir com a Segunda Guerra Mundial. Picasso, a quem o governo republicano de Espanha encomendara uma obra para o Pavilhão espanhol na Exposição Internacional de Paris desse mesmo ano, teve na barbárie de **GUERNICA** a sua fonte de inspiração. Por vontade expressa do artista, a obra não poderia ir para Espanha enquanto esta fosse uma ditadura. Ficou durante décadas à guarda do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque - MOMA. *«O último exilado»*, como lhe chamam os espanhóis, voltou a casa há 41 anos. Está no **museu Reina Sofía**.